



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Faculdade de Artes e Letra
Departamento de Comunicação e Artes

Relatório de Estágio
na
SOIR JAA - Sociedade Operária de Instrução e
Recreio - Joaquim António de Aguiar

Pedro Manuel Martins Eleutério Pastor Orvalho

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em
Cinema
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Vasco Diogo

Covilhã, Setembro de 2014

Dedicatória

Gostaria de dedicar este trabalho aos meus pais, ao meu irmão e a minha avó que muito me apoiaram e que sem a ajuda dos mesmos não conseguiria ter acabado esta fase do meu percurso académico.

E também aos meus estimados professores e ao meu caríssimo orientador Professor Doutor Vasco Diogo e ao meu coordenador de estágio, João Paulo Macedo.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente ao caríssimo Prof. Doutor Vasco Diogo que para além das variadas cadeiras que frequentei leccionadas pelo mesmo se disponibilizou para me aconselhar e guiar durante este processo.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer à Prof. Doutora Patrícia Silveirinha, a minha primeira orientadora de estágio que por motivos pessoais abandonou o ensino na UBI mas que nas cadeiras e disciplinas que me leccionou despertou uma imensa curiosidade académica, e me fez criar um metodologia de trabalho e avaliação teórica que fortemente melhorou o meu entendimento de cinema e do cinema.

E claro também ao João Paulo Macedo, coordenador de estágio e diretor do FIKE que me acolheu na SOIR durante este período e que foi um pilar no desenvolvimento deste trabalho e deste relatório.

Resumo

Historicamente a cidade de Évora, sempre foi uma cidade muito ligada à cultura, nas suas diferentes expressões (teatro, cinema, escultura, artes performativas, música, etc.). E sempre existiu um vínculo muito forte com a expressão criativa, que se difundiu com positiva receptividade junto aos espectadores: exposições, embora pequenas, de uma rotatividade frequente; concertos na rua, para o público em geral de acesso livre; teatro, produzido pelas imensas companhias de teatro que existem, entre outras atividades. E apraz-me concluir, tendo em conta esta tradição de cultura, desde a sua produção, até à sua recepção pelo público local, que Évora, nos seus moldes históricos, sociais e culturais é um local bem-amado para a prática da criação artística e da sua difusão, pelo menos historicamente.

O elevado número de associações existentes, algumas delas centenárias, desempenham um importante papel cultural, na dinamização e disseminação das várias práticas artísticas e culturais, na medida em que são responsáveis pelo desenvolvimento de muitos dos projetos e atividades de cariz cultural e social que acontecem.

O cinema, no entanto, é algo que subsiste a muito custo. A cidade perdeu há vários anos a empresa (Lusomundo) que fazia a gestão e exibição de cinema comercial, e mesmo quando estava em funcionamento apenas oferecia um cinema de entretenimento, muito aquém do interesse de um público educado que pretende assistir a um cinema mais consciente e de “bom gosto”. E, desde então, a sua presença pela região tem vindo a diminuir, perdendo-se dos hábitos culturais da população direta e indiretamente.

É neste contexto mais reservado e acanhado, que o cinema encontra as suas maiores dificuldades, possivelmente, por não ter como, no caso do teatro, por exemplo, parceiros que possam oferecer uma formação e plataformas específicas e maduras de desenvolvimento; falo por exemplo, no caso do teatro que tem inúmeras associações agregadas, de formação e produção, e também uma licenciatura no ramo na Universidade de Évora.

Sem essas plataformas e apoios mútuos de cooperação, o cinema encontra dificuldades no seu desenvolvimento, e neste ponto específico existe de uma forma mais pioneira. No entanto conjuntamente com o Cineclube da Universidade de Évora a SOIR tem um núcleo designado PÁTIO DO CINEMA, que vem gerindo a última sala de cinema da região, o Auditório Soror Mariana. Uma sala de média dimensão, onde a programação é vocacionada para o cinema independente e de autor. A SOIR é também a entidade que produz o único

festival de cinema da região, o FIKE, que se realiza anualmente e conta até agora com 11 edições, estando para acontecer a 12^a este ano.

Ao longo dos meus vários anos de formação, já por algumas vezes colaborei com o festival. Primeiro fazendo parte da equipa de visionamentos para a seleção oficial em competição, e da segunda vez, no apoio direto no decorrer do festival, como assistente de produção, nomeadamente, no acompanhamento de uma equipa canadiana que veio fazer a cobertura do festival, para o integrar numa série televisiva.

Estas colaborações com o festival permitiram-me criar uma base de confiança, e que recentemente, fosse convidado para integrar a equipa operacional da Associação, que organiza o festival, dando-me a possibilidade de realizar o estágio objecto deste relatório.

O FIKE e a parceria desenvolvida entre a SOIR e o Cineclube da Universidade de Évora, tem como principal objectivo a divulgação do cinema como veículo de manifestação artística, conhecimento de culturas e formas de expressão, propondo-se a ser um espaço de cultura e acesso a obras menos conhecidas dentro do circuito cinematográfico; divulgando o melhor da arte cinematográfica, contribuindo para a formação cinéfila de quem lá vai, e ajudando Évora, enquanto região e cidade, no seu desenvolvimento cultural cinematográfico.

Para além do FIKE é importante também reafirmar o papel dos cineclubes. Estes fazem-nos retornar às origens da exibição de cinema, pois deslocarmo-nos a uma sala é partilhar de um ato social e crítico. Servem para ser um espaço de difusão de obras que com mais dificuldade teríamos acesso e de valorização da multiculturalidade cinematográfica, permitindo estimular o espectador a mais tarde procurar essa multiculturalidade fora desse ambiente seguro. São também espaços que procuram promover o contacto do público em geral com os participantes diretos no cinema; refiro-me a realizadores, críticos, atores e produtores, com os quais dificilmente poderíamos ter este contacto privilegiado, o que faz com que o cinema se torne muito mais próximo de nós, mais humano.

No caso do FIKE, tal como noutros festivais, estas "ações culturais" oferecem masterclasses ou conversas com os próprios criadores das curtas, o que por si só deixa de ser um espaço para apenas a visualização de cinema, mas passa a ser um local de aprendizagem e de estruturação de conhecimento.

Palavras-Chave

SOIR, Núcleo de Cinema/ Pátio do Cinema, FIKE, Cinema, Cineclube, Auditório

Abstract

Historically Évora has always been a city closely linked to culture in its different expressions (theater, cinema, sculpture, performing arts, music, etc.).

There has always been a very deep bond between creative expression and the city, that has been very well received among viewers and audience throughout : exhibition, street concerts free of charge for the public in general, or theater produced by one of the many theater companies that exist. And I am pleased to conclude, given this cultural tradition, that goes from production to product, that the reception of the audience in Évora, historically and socially, makes it a well loved place for the artistic creation and its diffusal. At least historically.

The elevated number of existing association, some of them centuries old, play an important cultural role in the stimulation and dissemination of the various artistic or cultural practices.

Cinema however, is something that exists costly. The city has lost several years ago its exhibitor company (Lusomundo) that managed the exhibition of a comercial cinema, that even so, managed only to deliver an entertaning cinema, very well behind the needs of an educated audience who wanted to see a more consistent and “good taste” cinema. Since then its diffusal from the region have severely been reduced, and the cultural habit from viewers is decreasing.

Its in this more reserved and shy context that cinema finds its greatest difficulties, possibly by not having , as in the case of theater, for example, partners who can offer and provide training throught specific platforms of development; I speak for example of the numerous associations connected to theater and also the University of Évora who as a degree on the subject.

Without these platforms and mutual support and cooperation, cinema finds difficulties in its development, and in this specific point it exist in a pioneer way.

SOIR is in charge of managing the last movie theater in the region, the Auditório Soror Mariana. An average size room, where the programming is dedicated to exhibit independent films and author films. Also SOIR is the promoter and producer entity of the only festival in the region, FIKE, that occurs anually and its now on its 11^oth edition, and an ongoing 12^oth this year.

Throughout my many years of formation, I have for a few times now collaborated with the festival. First time as a member of the viewing team for the official selection in competition, and a second time, on the direct support for the production during the festival, that included the monitoring of a Canadian team that came to cover the festival, for a tv serie.

These collaborations allowed me to create a foundation of trust, and was recently invited to join SOIR team, giving me the possibility to do the internship that I will describe on this report.

FIKE and the partnership developed between SOIR and Cineclube da Universidade de Évora, aims to exhibit films that are vehicles of artistic expression, knowledge of cultures and forms of expression, proposing to be a space for culture and access to lesser known works within the film circuit; disseminating the best of film art and contributing to the formation of the cinephiles who goes there, and helping Évora in its cinematic cultural development.

Beyond FIKE is also important to reaffirm the role of film clubs. These make us return to the origins of cinema exhibition since sharing a movie theater is a social and critical act. They act as a space for the dissemination of films that otherwise would be difficult to access and to value the filmic multiculturalism, allowing the viewer to be stimulated and later to seek that multiculturalism outside this safe environment. They also seek to promote contact with the general public and direct participants in the cinema; I mean filmmakers, critics, actors and producers with whom we could hardly have this privileged contact, which causes the film to become much closer to us, more humane.

In the case of FIKE, as in other festivals, these "cultural activities" offers masterclasses and conversations with the creators themselves of the short films, which by itself is no longer just a space for viewing movies, but becomes a place of learning and structuring of knowledge.

Keywords

SOIR, Núcleo de Cinema/ Pátio do Cinema, FIKE, Cinema, Cineclube, Auditório

Índice

Lista de Figuras	xiii
Lista de Tabelas	xv
Lista de Acrónimos	xvii
Introdução	1
Introdução à SOIR - JAA	3
Capítulo 1 - FIKE 2013	5
Capítulo 2 - Aquisição de equipamento	11
Capítulo 3 - Gestão de páginas e publicidade	13
Capítulo 4 - Ciclo “O Conto Tradicional - Memória, Identidade e Partilha”	15
Capítulo 5 - Cinema de Verão	23
5.1 - Cinema na Praça	27
5.2 - Cinema no Museu	31
Capítulo 6 - Workshop de exibição em película	35
Capítulo 7 - FIKE 2014	39
Conclusão	41
Bibliografia	43
Anexos	45

Lista de Figuras

Figura 1 - Legendação de “Le Livre des Morts” de Alain Escalle	6
Figura 2 - Encodding das legendas no filme	7
Figura 3 - Exemplo do modelo de clip utilizado para apresentação dos filmes em exibição	8
Figura 4 - Abertura do ciclo “O Conto Tradicional - Memória, Identidade e Partilha”	20
Figura 5 - Cartaz do ciclo “O Conto Tradicional - Memória, Identidade e Partilha”	21
Figura 6 - Cartaz de “Cinema de Verão”	24
Figura 7 - Cartaz “Nove 5 ^{as} de Cinema no Museu”	25
Figura 8 - Preparação do “Cinema na Praça” para a exibição do filme “Riddick - A Ascensão”	28
Figura 9 - “Cinema na Praça” com a exibição do filme “Riddick - A Ascensão”	29
Figura 10 - Cartaz mensal de Julho de “Nove 5 ^{as} de Cinema no Museu”	33
Figura 11 - Cartaz mensal de Agosto de “Nove 5 ^{as} de Cinema no Museu”	34
Figura 12 - Montagem da película de 35mm	35
Figura 13 - Bobines 35mm para exibição	36
Figura 14 - Leitor sonoro de projetor de 35mm	37
Figura 15 - Objectivas de projecção para 35mm	37

Figura 16 - Desmontagem para as bobines originais 38

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Programação de ciclo “O Conto Tradicional - Memória, Identidade e Partilha” 19

Tabela 2 - Programação do Ciclo de contos tradicionais - Cinema Infantil (Clássicos da Disney)..... 20

Tabela 3 - Programação do Ciclo “Cinema na Praça” 29

Tabela 4 - Programação do Ciclo “Nove 5^{as} de Cinema no Museu” 32

Lista de Acrónimos

FCPX	Final Cut Pro X
DSLR	Digital Single-Lens Reflex
EOS	Electro Optical-System
HD	High Definition
MOV	Quick Time file format
SOIR	Sociedade Operária de Instrução e Recreio
DCP	Digital Cinema Package
FIKE	Festival Internacional de Curtas Metragens de Évora
DRCA	Direcção Regional de Cultura do Alentejo
ICA	Instituto do Cinema e do Audiovisual

Introdução

Nesta fase final do meu percurso académico, nomeadamente, a finalização do curso de Mestrado de Cinema pela Universidade da Beira Interior, optei, de forma pensada e deliberada, pela realização de um estágio profissional com a intenção de que esta experiência profissional e educativa me dotasse de novas e melhores ferramentas de trabalho e me permitisse um primeiro contacto com o mundo laboral, que tão diferente é do ambiente seguro de uma universidade.

Este estágio teve como principal objectivo um enriquecimento profissional, e um primeiro contacto com a minha área de especialização. Tenho como propósito, que esta oportunidade laboral me permitiu desenvolver as minhas capacidades técnicas, mas também aprofundar aprendizagens como o trabalho em equipa, a gestão de competências e funções e a produção cinematográfica em ligação com a SOIR e com a própria cidade em projetos paralelos com a mesma entidade.

O objectivo foi, tendo em conta a minha formação, poder participar no desenvolvimento de projetos socioculturais, de relevância local e regional, na formação, produção e divulgação cinematográfica, que puderam de uma forma direta, dinamizar a cultura cinéfila da região; mas também que serviram para enriquecer os conhecimentos e as capacidades adquiridas durante a formação académica superior.

É da minha intenção que essa mesma formação académica superior tenha sido do proveito da entidade que cordialmente me albergou, na medida que pude trazer novas competências e mais-valias à pequena equipa da SOIR.

Introdução à SOIR - JAA

A SOIR é uma associação cultural centenária de Évora, que tem como atividades a produção e promoção de atividades ligadas ao teatro, à música e ao cinema. Fundada em 1900 funcionava nos seus primórdios como um espaço de lazer e aprendizagem colectiva, de preocupações sociais, educativas e culturais.

Um lugar de projeção cultural que procura dinamizar a cidade de Évora e região através das suas múltiplas atividades, workshops e formações que abrangem desde a música, teatro, artes cénicas e cinema. Em parceria com o Cineclube da Universidade de Évora, a SOIR é um membro integral da exibição cinematográfica de Évora, utilizando o Auditório Soror Mariana, espaço cedido pela Universidade e o Cineclube para isso mesmo.

É também a SOIR o produtor do festival de cinema FIKE, já um pilar cultural essencial à região que se realiza anualmente desde 2001 tendo vindo a alargar-se a outros distritos.

Capítulo 1 - FIKE 2013

Foi em meados de Setembro de 2013 que João Paulo Macedo, diretor do FIKE e coordenador do Cineclube da Universidade de Évora, me convidou para fazer parte da equipa integrante da 11ª edição do FIKE, convite este que se estendeu também para a equipa que tem ao seu cargo a gestão do Auditório Soror Mariana, a única sala preparada para a exibição cinematográfica em Évora, em parceria com Cineclube da Universidade de Évora.

A minha inclusão na equipa foi primeiramente pensada para a área da produção do festival mas também para responder a uma colaboração técnica.

Neste ano em particular, o festival deu um salto no seu desenvolvimento e abrangência, pois alargou o seu circuito de ação também para a cidade de Beja, numa parceria com a associação Lendas d'Encantar.

E ficou ao meu encargo, com o acompanhamento de João Paulo Macedo, a organização desta extensão do festival. A intenção foi apostar no crescimento do festival, tentando aumentar o seu raio de ação para a capital de distrito do Baixo Alentejo, Beja, e assim aumentar a presença cinematográfica para, praticamente toda a região alentejana que fortemente carece de uma exibição cinematográfica em sala regular.

Foi necessário, numa primeira fase, reunir com os responsáveis das Lendas d'Encantar”, associação parceira em Beja, nomeadamente António Marques Revez e Rafael Guillot da Costa, para perceber num curto espaço de tempo e num primeiro ano de trabalho, qual poderia ser a melhor maneira para estender o festival a Beja. E rapidamente se concluiu que neste primeiro ano seria cauteloso não integrar já diretamente este novo espaço na exibição da seleção de curtas em competição oficial. Foi do agrado de todos começar por contextualizar o festival integrando no percurso de atividades uma mostra de 2 dias do espólio e palmarés de edições anteriores. Ficou também agendado a extensão de algumas atividades paralelas para Beja, mais especificamente um ciclo de cinema infantil em articulação com a “Festa Mundial da Animação” e o concerto de Isabel Ruth, júri do FIKE, intitulado “Isabel Ruth por Isabel Ruth”, atividade paralela do festival .

Tendo sido tomada esta resolução foi necessário avaliar as condições em que este projeto se poderia desenvolver. Refiro-me às capacidades técnicas e logísticas, tanto em termos de projeção, apresentação das curtas e publicidade.

Em termos de projeção, o espaço ao encargo da Lendas d'Encantar, “Os Infantes”, funciona como um pequeno teatro, equipado com as necessidades técnicas para a projeção dos filmes. No entanto, como a legendagem das edições anteriores foi feita ao vivo, foi-me

necessário legendar e preparar todos os 24 filmes, processo que na altura me era completamente desconhecido e com que tive de me familiarizar rapidamente através de uma pesquisa tendo por base a internet, e-learning, vídeos de aprendizagem e blogs. Esta pesquisa teve por base, primeiramente, o processo de legendagem, propriamente dito, com o qual não tinha ainda tido contacto, e depois os programas necessários para tal. Para a construção de legendas acabei por optar pelo programa “Subs Factory” para Macintosh, pois revelou-se ser um programa bastante versátil com todas as ferramentas necessárias para a criação síncrona de legendas, a um preço deveras acessível.

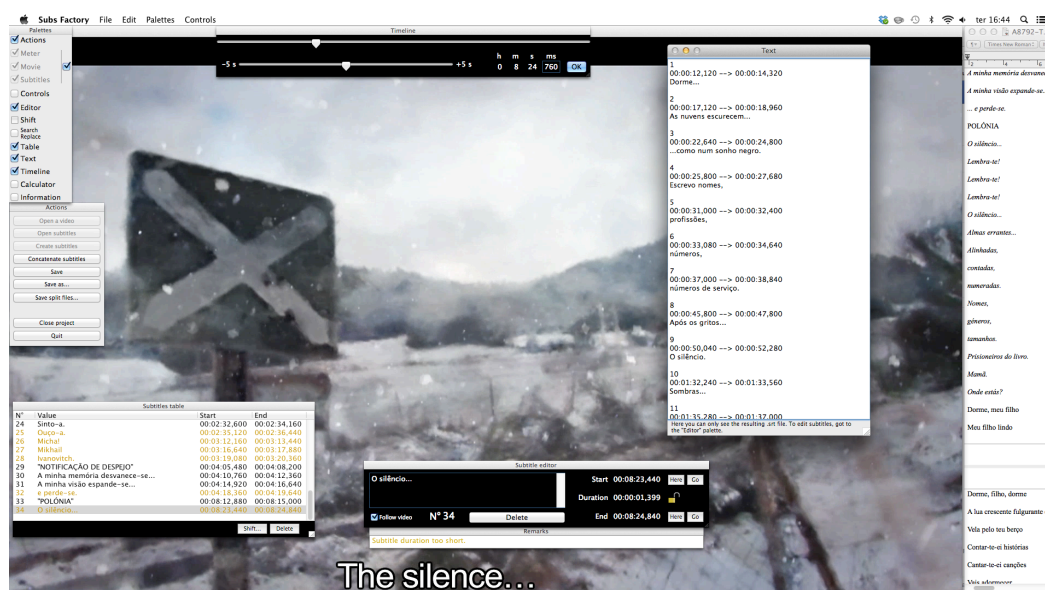


Fig .1 Legendagem de “Le Livre des Morts” de Alain Escalle.

Foi um processo moroso de tentativa e erro. Um desafio as minhas capacidades colmatado pela insistente tentativa em conseguir um resultado profissional e satisfatório, e também pelo imenso espólio para aprendizagem que a internet hoje em dia oferece. No entanto este inicio do processo de legendagem apenas foi primeiro desafio. Pois não tendo nós disponível uma equipa de legendagem para o festival em Beja, acrescia a necessidade em arranjar uma solução.

Esta segunda fase da preparação do festival em Beja teve como problema principal a aplicação das legendas criadas nas curtas para exibição ao público; em que a única possibilidade encontrada para isso, tendo em conta a equipa técnica, orçamento, e equipamento, foi o processo de “hardcode” da legendagem nas curtas. Ao nos decidirmos por esse processo acresceram outras preocupações em termos da qualidade com que ficaríamos as curtas ao ser feito um novo encoding para a inserção de legendas. Uma preocupação rapidamente superada, pois o próprio suporte DVD apenas consegue aguentar até à qualidade de 720x480, inferior a qualidade HD (1280x720 mínimo). O que num encoding novo

utilizando o ficheiro nativo do filme de HD de 720p ou 1080p (1280×720 e 1920×1080), manteria a qualidade necessária para a exibição em projecção.

Para esta fase recorri, após uma pesquisa cuidadosa, ao programa *Submerge*, apesar de o número de programas disponíveis para esta tarefa para o sistema operativo OS X ser muito reduzido. No entanto revelou-se uma ferramenta completa que permitiu um controlo profissional para a apresentação e “hardcode” da legendagem.



Fig. 2 Encodng das legendas no filme.

As sessões acabaram por correr bastante bem e serem do agrado do público o que permitiu estabelecer um parceiro duradouro para os próximos anos, sendo que no FIKE 2014 a cidade de Beja irá já ser integrada na totalidade no festival, indo fazer simultaneamente, tanto em Évora como em Beja, as sessões para competição oficial.

Não posso no entanto não assinalar os seguintes factos. Tendo em conta os meios financeiros para esta edição, o tempo de atuação reduzido e o facto de ser uma equipa pequena proporcionou um desafio acrescido ao meu trabalho. Tendo esta realidade como presente foi-me incumbida um certo grau de responsabilidade, que neste caso específico implicava o bom funcionamento e todo um cuidado de imagem profissional que é muito importante para a ordem dos trabalhos e para a obtenção de parceiros e apoios.

Apesar das dificuldades labutei por manter o profissionalismo necessário para a qualidade do festival e para transmitir a sua boa imagem perante os espectadores, e penso que em encargos futuros, o meu trabalho irá melhorando de qualidade tornando-se melhor e mais consistente.

Terminada a sessão do FIKE em Beja, que teve lugar de 17 a 19 de Outubro, foi necessário tomar conta da organização técnica do festival em Évora, marcado de 22 a 26 de Outubro (2013).

Ao meu encargo ficou a gestão e organização de cópias e a exibição das sessões. Primeiramente, foi necessário fazer a montagem do equipamento necessário à projeção, e optou-se, ao contrário dos anos anteriores, por fazer-se a projeção diretamente de um computador, o que permitiu uma maior facilidade na gestão de recursos. Por exemplo, em sessões anteriores a mudança de formatos, como 35mm, 16mm, Betacam, etc., tornava complicado a transição de curtas para curtas e tornava toda a logística técnica consideravelmente mais pesada. Assim, a introdução desta mecânica de trabalho, permitiu flexibilizar a projeção e também acabar com os tempos mortos, o que influencia o comportamento e reação do público em termos de recepção e construção de uma imagem de profissionalismo do festival.

Estas mudanças, aliadas às minhas competências técnicas de edição, permitiram com que houvesse uma evolução no formato de apresentação das curtas em exibição. Foi possível editar clips de apresentação das curtas, melhorando a visibilidade e imagem de qualidade do festival, e permitindo assim uma maior facilidade de acompanhamento do público em relação à curta que está a ser exibida, o que, por exemplo, no caso do prémio do público anula erros de leitura do programa do festival e permite uma maior segurança na votação.



Fig. 3 Exemplo do modelo de clip utilizado para apresentação dos filmes em exibição no FCPX.

A edição é uma área técnica onde o meu grau de conhecimento se pode dizer básico, no entanto era necessário completar a tarefa, e com alguma insistência e pesquisa, ou em blogs ou em canais de aprendizagem, por exemplo no youtube, consegui fazer os clips, tendo também que me adaptar à nova versão do Final Cut, intitulada Final Cut X Pro. Esta nova versão apesar de drasticamente diferente das anteriores às quais estava mais familiarizado acabou por se revelar bastante intuitiva e de fácil aprendizagem e manuseamento para este tipo de edições mais básicas e simples.

Outra das funções que tive ao meu encargo durante o festival foi a recolha vídeo do festival, para arquivo vídeo, ou outras iniciativas onde se necessite de material audiovisual, como por exemplo showreels, clips promocionais, etc.

Capítulo 2 - Aquisição de equipamento

Aquando encerramento do FIKE, foi-se sabido que o projeto do FIKE em concurso para financiamento do Inalentejo foi aprovado. Projeto este que tinha uma parte do orçamento dedicado a aquisição de equipamentos, para tanto de um computador para edição, já tendo como intenção a sua utilização em futuros projetos de formação em que fosse necessário a sua utilização; como de equipamentos de gravação vídeo e de gravação áudio.

Novamente deparei-me com uma situação laboral com a qual não estava inteiramente familiarizado. Por isso fiz uma longa pesquisa para que o orçamento disponível fosse aplicado da melhor forma possível, para que as necessidades futuras da associação, que até ao momento não tinha qualquer tipo de equipamento vídeo fossem correspondidas.

A principal intenção era a de adquirir uma máquina de filmar, que seria utilizada em iniciativas de formação, para eventuais necessidades de registo vídeo de eventos promovidos pelo FIKE ou pela SOIR, e também de trabalhos vídeo que possam de futuro vir a ser desenvolvidos. Após pesquisa, as opções possíveis, principalmente por motivos financeiros, recaíram sobre as dsrl, que em termos de preço/qualidade poderiam oferecer uma qualidade de gravação superior.

Tomando este ponto de partida, quis estudar primeiramente este tipo de câmaras e de que forma elas funcionam, desde as suas vantagens até às desvantagens, para que de uma forma consciente e informada pudesse dar o meu parecer sobre o equipamento preferencial a adquirir.

Preferencialmente minha escolha de câmara seria a Canon 5D Mark III mas em conjunto com os vários tipos de lentes; de 50mm, grande angular e de 35m, tripé, baterias e cartões de memória extra, mais o equipamento de gravação áudio, excedia em muito o orçamento previsto. Pelo que preferi optar entre a Canon 6D, tendo como comparação a Nikon D600, duas câmaras da mesma gama e sensivelmente pelo mesmo preço. No entanto com características diferentes.

A Canon 6D é uma câmara bastante completa tendo em conta o seu preço. As suas vantagens são:

- Excelente qualidade de imagem
- Excelente redução de ruído a elevados ISO
- Full-Frame
- Bastante ergonómica

- Sensor com melhor sensibilidade a luz e menor ruído
- Full HD

Uma câmara bastante robusta capaz de suportar facilmente gravações no exterior, tendosse claro o devido cuidado, ao contrario da Nikon D600 que devido a um erro de fabrico acumulava pó no sensor.

Ainda que em termos quantitativos a Canon apresenta um sensor com uma capacidade real de qualidade de imagem inferior à Nikon, uma câmara é apenas tão boa quanto a lente que usa e utilizando parte do orçamento para a aquisição de uma lente de superior qualidade iria permitir manter a mesma qualidade de imagem que a Nikon poderia oferecer, com uma sensibilidade em muito superior em condições de fraca luminosidade, com um ruído reduzido.

De resto foi necessário adquirir os acessórios necessários, como baterias extra, cartões de memória de classe 10, preferencialmente com velocidades acima dos 30 ou 45 MB/s, um follow focus, view finder e tripé.

Respectivamente ao material de som, como o orçamento já nao permitiu a aquisição de muito mais material optei por um ZOOM H1, que permitisse, por exemplo para entrevista, ou eventos, uma gravação controlada e de maior qualidade à da câmara.

Capítulo 3 - Gestão de páginas e publicidade

Após o FIKE 2013, e retomando as actividades na SOIR e no Auditório Soror Mariana, uma das minhas primeiras funções foi coordenar o mecanismo de comunicação e publicidade.

Ao meu encargo ficou a gestão do blog informativo do auditório e das páginas de facebook associadas ao mesmo, que servem de base à publicidade e promoção de actividades do Cineclube da Universidade de Évora.

Inicialmente pode parecer uma actividades menor, no entanto, e como eu próprio tomei conhecimento, estes plataformas virtuais são cada vez mais o método de promoção e contacto com o publico preferencial, muito porque oferecem um meio de publicidade gratuita e um contacto direto e praticamente instantâneo.

Desde forma, o intuito foi operacionalizar estes meios para que houvesse uma atualização de informação constante e regular. Como em qualquer pré-produção ou produção, existem procedimentos adequados aos resultados pretendidos. Neste caso o interesse era inverter a tendência de poucos espectadores e o melhoramento da qualidade de exibição e a sua regularidade. Desta forma a publicidade tornou-se um passo essencial.

Tendo uma publicidade interventiva, e regular permitiu chegar aos espectadores e informá-los das actividades desenvolvidas pela SOIR e pelo Cineclube da Universidade de Évora no auditório. Por conseguinte o aumento de receita de bilheteira deu-nos uma folga financeiro, algo que permitiu autonomizar o aluguer de filmes para exibição não sendo necessário recorrer a fundos extra. A negociação de acordos com algumas das distribuidores nacionais também permitiu a acessibilidade financeira e o upgrade para sistema de exibição em dcp, permitindo uma maior qualidade de exibição.

É de tomar em conta que este é um processo que decorreu durante todo o estágio, e que insistiu em aproximar novamente o auditório ao público de Évora, algo que anteriormente não era feito.

As parcerias com a Câmara de Évora e com a Universidade de Évora também facilitaram em muito este processo de publicidade; nomeadamente com a Universidade de Évora foi possível a impressão gratuita em suporte de papel para publicidade e com a Câmara de Évora os locais de exposição desses mesmos suportes em papel, concretamente cartazes,

mupis, e lonas publicitárias, e também a expansão das nossas informações na agenda cultural da cidade tanto em suporte digital como físico.

Capítulo 4 - Ciclo “O Conto Tradicional - Memória, Identidade e Partilha”

O ciclo “O conto tradicional - Memória, Identidade e Partilha” foi um desafio da Divisão de Cultura da Câmara Municipal de Évora, que iria comemorar este tema com uma exposição no Convento dos Remédios, onde incluiria cinema, uma exposição com uma coletânea de livros e contos tradicionais, pinturas e desenhos e artes performativas, como teatro e marionetas.

“O Conto Tradicional - Memória, Identidade e Partilha” constitui-se como o primeiro projeto e passo para o desenvolvimento do Centro de Recursos da Tradição Oral e do Património Imaterial do Concelho de Évora, instalado no Convento dos Remédios, e que nasceu do projeto europeu Oralidades.

Coube à SOIR, a pedido daquele departamento cultural, participar neste conjunto de atividades comemorativas, com uma seleção de filmes que diretamente estivessem ligados, ou tenham sido adaptados de contos populares.

Foi um teste ao meu conhecimento cinematográfico a um subgénero que tão facilmente passa despercebido e desvalorizado.

Foi então necessário acordar uma lista de filmes, que seriam exibidos de 2 em 2 semanas pelo período de 13 de Fevereiro a 30 de Abril de 2014. E seguidamente organizar e preparar as exibições. No final do ciclo foi acordado uma apresentação oral sobre o tema, em espécie de conversa aberta em que teria, em conjunto com o colega cineclubista Armando Russel, de abordar, explicar e apresentar o tema, na sua parte histórica, do conto tradicional no cinema e o cinema no conto tradicional.

O texto abaixo é apenas um texto orientador que serviu de apoio para essa tertúlia, mas que quero deixar aqui apresentado neste relatório como prova da pesquisa efectuada para preparação.

“O Conto Tradicional

Estrutura :

- Definição
- Origem
- História

- Cinema

É importante distinguir que o que hoje em dia comumente categorizamos como conto tradicional se divide de facto numa multiplicidade de géneros. Nos quais a fábula e os chamados contos de fadas são os mais conhecidos e aqueles que mais diretamente foram utilizados pelo cinema em adaptações cinematográficas. Entre os inúmeros sub géneros podemos enumerar, para esclarecimento a **História** (que tem como base da sua narrativa factos que realmente aconteceram, muitas vezes biográficos ou históricos onde as personagens são pessoas que de facto existiram e os locais também, ou facilmente identificáveis, e dotados de uma verosimilhança e valor factual), **apólogo** (narrativa que busca ilustrar lições de sabedoria ou ética através do uso de personagens de índoles diversas, imaginárias ou reais, com personagens inanimados. Parecidos com fábulas na sua estrutura, o apólogo é um tipo de narrativa que personifica os seres inanimados transformando-os em personagens da história), **romances de cavalaria** (romance ou romance de cavalaria é um estilo de prosa e/ou versos heroicos. Estilo narrativo que era popular nos círculos aristocráticos medievais e modernos da Europa. Eram histórias sobre aventuras fantásticas, muitas vezes de um cavaleiro errante retratado como tendo qualidades heroicas, que vai em uma busca), **fábula** (como gênero literário, é uma história de ficção sucinta, em prosa ou verso, que apresenta animais, criaturas míticas, plantas, objetos inanimados, ou forças da natureza que são antropomorfizados e que ilustram uma lição de moral), **parábola** (uma história sucinta, em prosa ou verso, que ilustra uma ou mais moralidades. Ela difere de uma fábula pois estas utilizam animais, plantas, objetos inanimados, e as forças da natureza como atores que assumem o discurso e outras características humanas) e **contos de fadas** (tipo de conto que tem tipicamente personagens folclóricos fantásticos, como fadas, duendes, elfos, trolls, anões, gigantes, sereias ou gnomos, e, geralmente, magia ou encantamentos)

Definição/Origem

Embora o conto de fadas seja um gênero distinto dentro da categoria maior do conto popular, a definição que marca a obra como um conto de fadas é uma fonte de grande controvérsia. É universalmente acordado que os contos de fadas não necessitam de fadas; o termo em si vem da tradução de *Madame D' Aulnoy's*, usado pela primeira vez na sua coleção em 1697. É comum a fusão de contos de fadas com fábulas e outros contos populares ou histórias de folclore e estudiosos divergem sobre o grau em que a presença de fadas e/ou seres míticos (por exemplo, elfos, goblins, trolls, etc.) deve ser tomado como um diferencial. *Vladimir Propp*, em "*Morfologia do conto popular*", criticou a distinção comum entre os " contos de fadas " e "contos de animais", alegando que muitos contos continham ambos os elementos e animais fantásticos. No entanto, para selecionar obras para sua análise, Propp usou contos

populares russos usando o índice *Aarne-Thompson*¹, em um sistema de catalogação que permitiu ganhar um novo conjunto claro de contos. A sua própria análise identificou contos de fadas pelos seus elementos de enredo, mas esta catalogação teve fortes críticas, pois a análise presta-se maioritariamente a contos que envolvem uma busca, além disso, os mesmos elementos do enredo são encontrados em obras que não são contos de fadas.

Stith Thompson apontou que animais falantes e a presença de magia parecem ser dos elementos mais comuns no conto de fadas. No entanto, a mera presença de animais que falam ou de magias não faz com que um conto seja um conto de fadas, especialmente quando o animal é claramente uma máscara sobre um rosto humano, como na fábula..

Steven Swann Jones identificou a presença de magia como o recurso pelo qual os contos de fadas podem, com maior facilidade, ser distinguidos de outros tipos de contos populares. *Davidson* e *Chaudri* identificam a "transformação" como o elemento-chave do género. Do ponto de vista psicológico, *Jean Chiriac* defendeu a necessidade do fantástico nestas narrativas.

Em termos de valores estéticos, *Italo Calvino* citou o conto de fadas como um excelente exemplo de "rapidez" na literatura, por causa da economia e concisão dos contos.

Raízes do género vêm de diferentes histórias orais transmitidas em culturas europeias. O género foi marcado pela primeira vez pelos escritores da Renascença, como *Giovanni Francesco Straparola* e *Giambattista Basile*, e consolidado através das obras de colecionadores posteriores, como *Charles Perrault* e os *irmãos Grimm*. Nesta evolução, o nome foi cunhado quando *Madame d' Aulnoy* inventou o termo "conte de fée", ou conto de fadas, no final do século 17, pois a maioria das histórias francesas do género incluíam fadas.

Antes da definição do género de fantasia, muitas obras que hoje seria classificadas como fantasia eram chamados de " contos de fadas ", incluindo "*O Hobbit*" de *Tolkien*, "*Animal Farm*" de *George Orwell*, e de *L. Frank Baum* "*O Maravilhoso Mágico de Oz*". Na verdade, em "*On Fairy-Stories*" de *Tolkien*, inclui discussões sobre a construção do mundo e é considerado uma parte vital da fantasia críticas. No entanto apesar das conotações e elementos fantástico, e de basear fortemente nos conto de fadas, as histórias de fantasia e os contos de fadas são agora considerados como sub-géneros distintos apesar das semelhantes

1

O índice *Aarne-Thompson* é uma lista de vários volumes projetados para ajudar folcloristas e estudiosos a identificar padrões recorrentes de enredo nas estruturas narrativas de contos tradicionais, de modo a que estes pudessem organizar, classificar e analisar os contos que pesquisam. Primeiro desenvolvido por *Antti Aarne* em 1910, o índice foi mais tarde traduzido, revisto e ampliado por *Stith Thompson* em 1928 e novamente em 1961.

que partilham, tornando por sinal também um elemento indispensável para análise na cinematografia.

História/Cinema

Historicamente não podemos falar de contos de fadas enquanto género cinematográfico visto ele não ser entendido como tal. É sempre enquadrado enquanto adaptação de um conto na melhor das hipóteses. No entanto não podemos negar o impacto que filmes do “género” tiveram na história do cinema e na própria evolução do cinema, e digo-vos por exemplo: “A branca de Neve e os sete anões”, ou o “Feiticeiro de Oz”. Na verdade toda a maioria dos filmes da Disney são adaptações cinematográficas de obras literárias categorizadas de “contos de fadas” ou “fábulas”. E a sua enorme popularidade levou a própria difusão e evolução do próprio cinema. Por exemplo “Branca de Neve e os sete Anões” foi a primeira longa-metragem de animação feita na história do cinema e devido ao seu enorme sucesso e popularidade foi um dos principais impulsionadores do cinema de animação. De outra forma não podemos também deixar de referir *Georges Méliès*, que no advento do cinema foi pioneiro no desenvolvimento da narrativa cinematográfica e produziu cerca de 30 filmes em que a sua maioria era fortemente feérica ou fantásticos, baseado em contos de fadas e fábulas, sendo importantes elementos da sua narrativa e estética. E também não esquecer inúmeros realizadores americanos e europeus que realizaram dezenas de filmes mudos no início do século XX impregnados de motivos retirados dos contos de fadas..

Como já exposto anteriormente é quase impossível determinar o nascimento destes contos, pois eles vêm de tradições orais que se vêm transformando por cada geração e região, no entanto, desde o século XVII, época em que o género foi classificado, ele tem vindo a ser representado e encenado desde a escrita, óperas, ballet, teatro, lanterna mágica, pintura, *comédia d'ell arte* e cinema. E foram as experimentações de *Méliès* ao adaptar os contos de fadas ao aparato cinematográfico, que revelou que de facto este novo “mecanismo” poderia enriquecê-lo fortemente e proporcionar-lhe um realismo que de outra forma não seria possível.

Entre as adaptações de *Méliès* podemos por exemplo enumerar contos de *Charles Perrault*, “*Le Palais des mille et une nuits*”, “*Cinderela*” ou “*Les Aventures de baron de Munchhausen*”; que com a utilização da montagem, do stop-motion, dissolves, potenciaram o folclore e universo onírico e fantástico desses contos criando um novo universo fantástico de um enorme realismo.

Nas culturas em que bruxas e demónios fazem parte do folclore tradicional, estes contos podem fundir-se em lendas, onde a narrativa é percebida, tanto pelo narrador e

ouvintes, como sendo fundamentada em verdades históricas. No entanto ao contrário das lendas ou histórias épicas, elas normalmente não contêm mais do que referências superficiais à religião e lugares reais, pessoas e eventos; elas não tomam um lugar ou um tempo definido, começando muitas vezes com o “era uma vez”.

Historicamente é muito difícil traçar as origens dos contos tradicionais, pois a tradição oral do conto de fadas advém muito antes da tradição escrita, e o conhecimento destes contos era transmitido através da oralidade de geração em geração, dificultando o trabalho de investigadores porque somente as formas literárias podem sobreviver, para futuro registo estudo. Ainda assim, a evidência indireta em obras literárias leva-nos a concluir que a sua presença já existia há alguns milhares de anos, embora não reconhecida como género, pois o nome “conto de fadas” foi atribuído por *Madame d’Aulnoy* no final do séc. XVII. E ainda que nos dias de hoje sejam histórias direcionadas para crianças, os contos mais antigos eram destinados a um público de adultos, mas que na coletânea compilada pelo *Irmãos Grimm* “Contos para crianças e para o lar” acabou por direcionar estes contos para um público mais jovem, ligação que se foi fortalecendo com o passar do tempo.”

Tabela 1 - Programação de ciclo “O Conto Tradicional - Memória, Identidade e Partilha”.

Ciclo “O Conto Tradicional - Memória, Identidade e Partilha”	
Programação	
Sessões - Terças-feiras às 18:00	
Fevereiro	
25/02	- “Silvestre” de João Cesar Monteiro
Março	
11/03	- “A Princesa Pele de Burro” de Jacques Demi
25/03	- “A Flauta Mágica” de Ingmar Bergman
Abril	
08/04	- “A Lenda da Floresta” de Ridley Scott
22/04	- “O Labirinto do Fauno” de Guillermo del Toro
23/04	- Tertúlia “O Cinema e os Contos Tradicionais”

No decorrer da programação e preparação do ciclo, pensamos também expandi-lo e continua-lo no auditório ao encargo da SOIR com a criação de um ciclo de cinema infantil. Existiram duas principais razões para tal. A primeira foi a de para dar continuidade ao ciclo que nos tinham proposto, englobando agora também um cinema mais infantil que pudesse dar resposta a uma procura por parte dos espectadores mais novos da cidade de Évora. A segunda

razão vem de encontro aos mais jovens, pois tendo o auditório uma programação mais centrada no cinema independente e de autor, muito do público mais jovem da cidade nunca teve a experiência de ver um filme numa sala de cinema. E sendo esta a oportunidade perfeita, preparou-se um apanhado de clássicos da animação de forma a preparar esta extensão da iniciativa.

Tabela 2 - Programação do Ciclo de contos tradicionais - Cinema Infantil (Clássicos da Disney).

Ciclo de contos tradicionais - Cinema Infantil (Clássicos da Disney)	
Programação	
Sessões - Sábados às 11:00	
Março	
01/03 - Branca de Neve e os Sete Anões	
08/03 - Pinóquio	
15/03 - A pequena Sereia	
22/03 - A Cinderela	
29/03 - Alice no País das Maravilhas	
Abril	
05/04 - Mogli - O livro da Selva	
12/04 - Aladino	
19/04 - A Bela Adormecida	
26/04 - Peter Pan	



Fig. 4
Abertura do ciclo “O Conto Tradicional - Memória, Identidade e Partilha”.

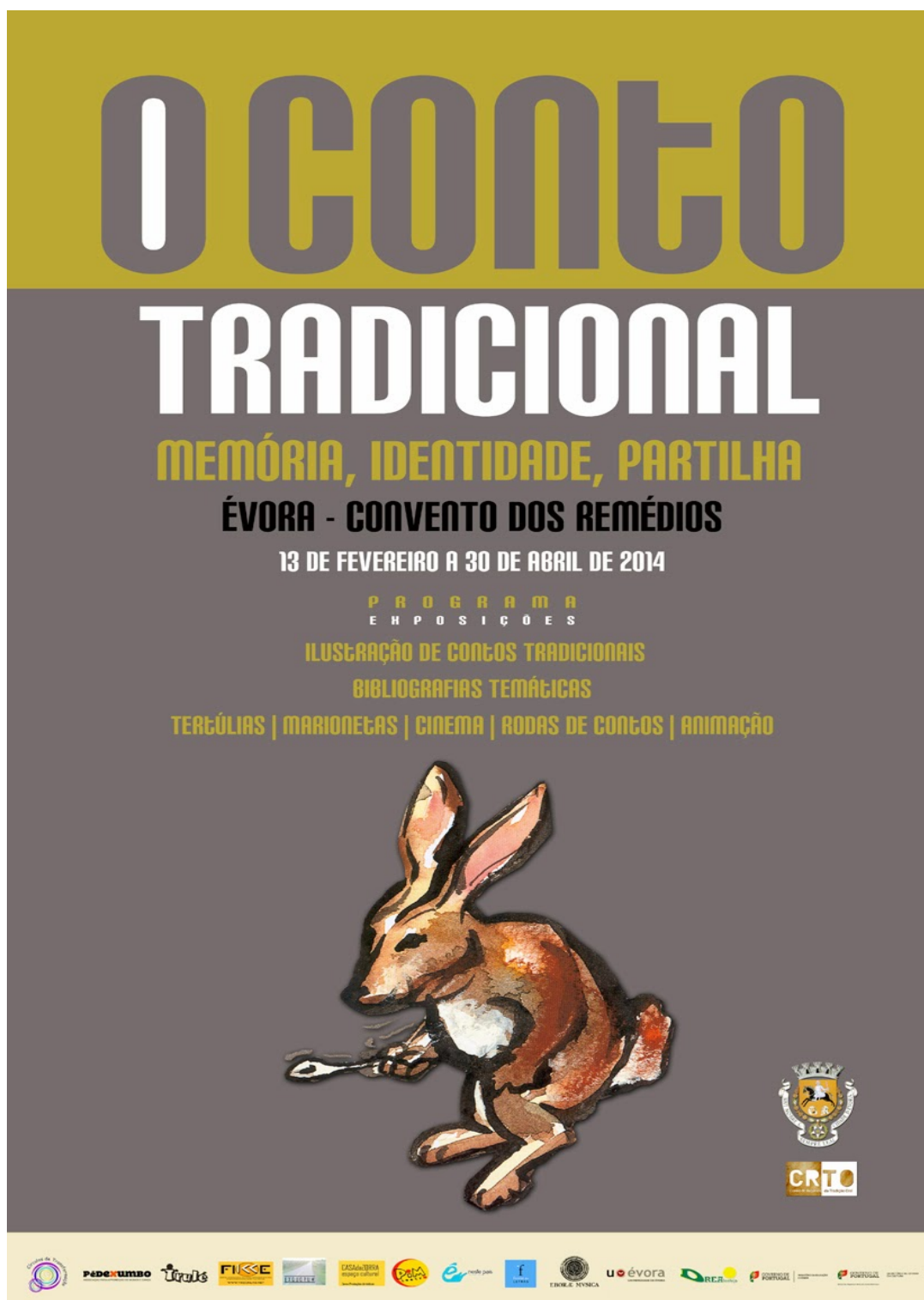


Fig. 5 Cartaz do ciclo “O Conto Tradicional - Memória, Identidade e Partilha”.

Capítulo 5 - Cinema de Verão

Outra das atividades regulares ao encargo da SOIR é o planeamento e execução do “Cinema de Verão” de Évora, inserido no plano de atividades culturais da cidade, que passa pelo cinema ao ar livre na praça do Sertório que tem uma tendência mais inclinada para o cinema “popular” ou comercial, e que procura oferecer um cinema gratuito e de fácil acesso a quem queira. E o cinema no museu, que tendencialmente procura encontrar um público mais crítico, e onde apresentamos obras de um teor artístico mais vincado.

A iniciativa do “Cinema da Praça” foi nos solicitada pela Câmara Municipal de Évora, enquadrada num plano de animação cultural da cidade durante o período de Verão, que se apresenta como o período preferencial de turismo, e desta forma a intenção era preencher nesta praça pelo período de 6 semanas (de 23 de Julho a 27 de Agosto) com uma exibição de cinema, indicada para um público generalista, de forma a se conseguir a ida de famílias, curiosos e turistas à sessão expandindo a prática cinematográfica para fora do auditório.

A programação assim, tendo em conta o objectivo do programa, focou-se mais em filmes “blockbuster” e de fácil visionamento, mas nunca descuidando da qualidade dos mesmos.

O cinema no Museu foi uma iniciativa conjunta do FIKE, da Direção Regional de Cultura do Alentejo (DRCA) e da SOIR, em que ficou planeado a criação de outra iniciativa cultural intitulada “Nove 5^{as} de Cinema no Museu”, que teria lugar no Museu de Évora também parceiro da iniciativa. Seria uma exibição no museu de Évora, todas as quintas-feiras, em que teria como intuito a diversificação da exibição cinematográfica durante o período do verão, tendo decorrido de 3 de Julho a 28 de Agosto.

Tendo em conta o local e o propósito da iniciativa decidimos optar por um conjunto de documentários portugueses; pois acreditamos que a criação de públicos, numa perspectiva formativa dos mesmos, envolve um conjunto de objectivos e estratégias destinados a potenciar a fruição artística a partir da estimulação da sensibilidade estética e das competências de apreciação e reflexão crítica, que permitem não só a aquisição de um genuíno interesse pelas artes e pelas diferentes linguagens artísticas, como a realização de aprendizagens significativas e a sedimentação de hábitos culturais apoiados na capacidade de fazer escolhas e de participar de forma implicada e ativa nas dinâmicas culturais.

Irei então seguidamente descrever e discriminar o processo de desenvolvimento de ambas as iniciativas, na matéria de pré-produção, produção, e realização efetiva.



Fig. 7 Cartaz “Nove 5ªs de Cinema no Museu”.

5.1 Cinema na Praça

O “Cinema na Praça” é uma atividade anual regular realizada pela SOIR em parceria com o Cineclube da Universidade de Évora, ao longo dos últimos quinze anos, que se realiza durante os meses de Julho e Agosto, e este ano não foi exceção.

Para a realização desta atividade foi necessário definir o contexto da sua realização para, a partir de um modelo elaborado, corresponder às expectativas propostas. Dessa forma foi preciso perceber a que público se destinava e qual o seu eixo de ação, nomeadamente a exibição de filmes “*light*”, de um teor mais “*mainstream*”, que pudessem abranger e envolver um público mais generalista.

Foi-me confiada a função de programador, com acompanhamento do João Paulo Macedo, na medida em que era o responsável pela escolha dos filmes a exibir, e perceber com que objetivos e em que contexto esta iniciativa nos estava a ser pedida iria ser o ponto-chave para o seu sucesso. Desta forma foi necessário pesquisar entre as várias distribuidoras a oferta de mercado da distribuição cinematográfica, em que era importante conseguir títulos recentes e de reconhecida qualidade, que no entanto fossem acessíveis e variados de forma a preencher os gostos dos vários públicos aderentes.

Após a seleção preliminar dos filmes pretendido foi necessário fazer o contacto com as distribuidoras que detinham os direitos de exibição, para perceber as condições técnicas em que os filmes podiam ser exibidos. Alguns dos filmes selecionados tiveram que ser então substituídos pois alguns destes apenas estariam disponíveis em dcp, sistema que de momento ainda não possuíamos. Tal situação obrigou-nos a rever a seleção e optar por outros títulos que acompanhassem as nossas capacidades técnicas que eram os formatos dvd, blu ray e 35mm.

O seguinte passo após a conclusão da seleção foi a negociação de preços de exibição e o agendamento dos mesmos. Ainda que as várias distribuidoras tenham preços fixos para a exibição, o longo trabalho já realizado pela SOIR com algumas das mais importantes distribuidoras nacionais permitiu ter algum espaço de manobra na negociação de preços por filmes individuais, por exemplo para aquelas distribuidoras às quais apenas estávamos a requisitar um título para exibição, e por pacotes de filmes, àquelas às quais estávamos a negociar a exibição de mais de um filme.

Após este passo na produção da atividade, em conjunto com Victor Castro, designer na SOIR, desenvolvemos o layout que seria aplicado a nossa publicidade, em termos de divulgação virtual até a impressão de cartazes para afixação. Esta atividade no entanto também se tornou o veículo perfeito para a divulgação inicial do FIKE, pelo que optamos pela

criação de clips de apresentação de cada uma das sessões. Estes clips assim respondiam a duas necessidades distintas. A primeira a da criação de uma imagem mais profissional e séria na apresentação de iniciativas e sessões que conferem todo um novo rosto as atividades desenvolvidas pela SOIR, correspondendo também a enunciação de parceiros, entidades promotoras e co-financiadores participantes do projeto. A segunda foi primeira apresentação e divulgação do FIKE. Para tal foi necessário contactar e trabalhar com o designer responsável pela linha gráfica e layout do festival, o André Fragata, e conseguir da melhor forma a passagem desta identidade gráfica para vídeo e conseguinte para os clips, reforçando a presença publicitaria do festival desde muito cedo (inícios de Julho) na cidade de Évora, sendo esta também uma das estratégias de promoção festival.

De seguinte e para manter o bom funcionamento da actividade foi necessário manter um acompanhamento directo sobre a execução do projecto, pois este como se realizou ao ar livre e fora do ambiente controlado do Auditório Soror Mariana requereu o transporte dos meios necessários e a montagem dos mesmo, e refiro-me ao equipamento de som, de vídeo, da tela para projecção e da tela de publicidade feita para a iniciativa e para promoção do FIKE.

Relativamente a publicidade foi efectuada nos moldes já referenciados anteriormente no capítulo “Gestão de páginas e publicidade”.



Fig. 8 Preparação do “Cinema na Praça” para a exibição do filme “Riddick - A Ascensão”.



Fig. 9 “Cinema na Praça” com a exibição do filme “Riddick - A Ascensão”.

Tabela 3 - Programação do ciclo “Cinema na Praça”.

Ciclo “Cinema na Praça” Programação	
Sessões - Quartas-feiras às 21:30	
Julho	
23/07	- “Fruitvale Station - A Última Paragem” de Ryan Coogler
30/07	- “O Grande Mestre” de Wong Kar Wai
Agosto	
06/08	- “Riddick - A Ascensão” de David Twohy
13/08	- “Dentro da Cabeça de Charles Swan III” de Roman Coppola
20/08	- “Linhas de Wellington” de Valeria Sarmiento
27/08	- “Epic - O Reino Secreto” de Chris Wedge

5.2 Cinema no Museu

A atividade “Cinema no Museu” foi um projeto desenvolvido em parceria com a DRCA e que realizou a sua 2ª edição este ano. E que à semelhança do “Cinema na Praça” requereu uma planificação, avaliação de objectivos, uma pré-produção, uma repérage de necessidades técnicas, promoção e publicidade e execução do projeto.

Novamente, e recolhendo já alguma experiência de atividades passadas na programação regular do auditório, o principal objectivo seria assegurar uma seleção de excelência, pelo que a temática escolhida em conjunto com João Paulo Macedo foi o do cinema documental português. Uma excelente oportunidade para pesquisa e enriquecimento pessoal no conhecimento da produção de cinema documental da atualidade. Realidade que se revelou muito satisfatória em termos da qualidade das obras realizadas entre 2013 e 2014 mas que se revelaram fracas em termos de números, muito em causa pelo diminuto número de projetos apoiados e co-financiados pelo ICA. No entanto existiram produções de forte qualidade e cariz artístico por onde pudemos organizar um lista de filmes preferenciais para este projeto.

Decidindo a temática que se iria abordar é necessário explicá-la. O intuito e propósito era a divulgação e promoção de cinema documental português, tendo como requisitos que a realização ou produção do filme fosse portuguesa. Isto porque é um tipo de cinema ao qual dificilmente se tem acesso no circuito comercial. E sendo uma iniciativa que iria decorrer no Museu de Évora, com o apoio e parceria da DRCA, era a oportunidade perfeita para se planear uma programação mais arriscada, conceptual e por vezes experimental. No espaço da produção audiovisual em Portugal o filme documental predomina sobre os outros géneros embora, tal como nos filmes de ficção ou animação, nem sempre tenha o seu encontro com o público. A seleção de 9 documentários portugueses para 9 Quintas de Cinema no Museu é uma oportunidade de oferecer algo a Évora que dificilmente teria acesso. O de um cinema português de excelência que dificilmente seria exibido.

O restante processo foi em tudo muito semelhante a iniciativa “Cinema na Praça” presente no capítulo 5.1, em termos de contactos com às distribuidores, para negociação de preços e marcação de datas. No entanto existiram dois casos particulares em que consegui as licenças de exibição de filmes ainda por estrear em circuito comercial propriamente dito. Falo em particular do filme de João Botelho, “Quatro”, que apenas semanas antes teve as suas ante-estreias na Cinemateca Portuguesa e no Museu de Serralves, tendo sido negociado a sua exibição, em factor excepcional pelas boas relações entre a distribuidora e a SOIR. O filme “LACRAU” de João Vladimiro que apesar de estar completo a já algum tempo apenas teve agora recentemente o seu lançamento para exibição em circuito comercial . E a primeira exibição pública em Portugal do filme “Far From Home” de José Barahona e Carolina Dias.

Após a conclusão do processo de pré-produção, o seguinte passo foi o acompanhamento direto e constante do projeto de forma a garantir a boa execução da atividade, que incluía funções desde a confirmação de recepção da cópia de exibição e a realização de contacto com as distribuidoras em caso de atraso ou inconsistências no envio, por exemplo os filmes em blu ray enviados pela distribuidora Real Ficção revelaram-se algo defeituosos e com problemas de exibição pelo que foi necessário uma especial atenção e redobrado cuidado para evitar percalços na exibição, pelo que o teste de todos os filmes para exibição passou a ser testada no auditório e em caso de existir problemas, contactar as distribuidoras para substituição da cópia. Foi também necessário organizar o transporte do material e a montagem do mesmo para a exibição no Museu e a divulgação e publicidade da iniciativa pelos canais já antes referidos no capítulo 3.

Tabela 4 - Programação do Ciclo “Nove 5^{as} de Cinema no Museu”.

Ciclo “Nove 5 ^{as} de Cinema no Museu”	
Programação	
Sessões - Quintas-feiras às 21:30	
Julho	
03/07	- “Outras Cartas ou o Amor Inventado” de Leonor Noivo
10/07	- “Ole António Ole” de Rui Simões
17/07	- “Guerra ou Paz” de Rui Simões
24/07	- “Bafatá Filme Clube” de Silas Tiny
31/07	- “De Armas e Bagagens” de Ana Delgado Martins
Agosto	
07/08	- “Quatro” de João Botelho
14/08	- “Far From Home” de José Barahona e Carolina Dias
21/08	- “LACRAU” de João Vladimiro
28/08	- “Campo de Flamingos sem Flamingos” de André Príncipe

Nove 5.ªs de Cinema no Museu - Cinema de Verão

JULHO



3 de JULHO

10 de JULHO



17 de JULHO

24 de JULHO



Fig. 10 Cartaz mensal de Julho de “Nove 5ªs de Cinema no Museu”.

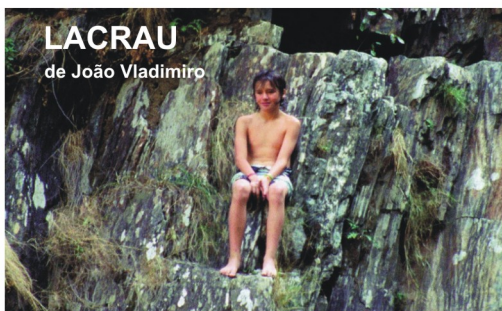
Nove 5.^{as} de Cinema no Museu - Cinema de Verão

AGOSTO



7 de Agosto

14 de Agosto



21 de Agosto

28 de Agosto



Fig. 11 Cartaz mensal de Agosto de “Nove 5^{as} de Cinema no Museu.

Capítulo 6 - Workshop de exibição em película

Durante o período de estágio tive a oportunidade durante iniciativa “Cinema na Praça” de participar num workshop de exibição cinematográfica em película. Um método de exibição que tem vindo a perder lugar no circuito de exibição mas que no entanto mantém a magia de outros tempos, e que para muitos continua a ser a imagem e ideia tipo da exibição cinematográfica.

Este workshop advém dos dois filmes em película pedidos para exibição no projeto “Cinema na Praça” e o projecionista do Auditório Soror Mariana, o Sr. António como é comumente chamado por nós, disponibilizou-se para ensinar-me a metodologia e técnica de projeção em película desde a sua montagem, à sua projeção e por fim desmontagem para envio a distribuidora. Foi uma oportunidade que não quis perder, pelo seu valor cultural, técnico e de entendimento analógico da projeção cinematográfica.

A primeira parte deste workshop começou pela montagem do filme para duas bobines de projeção. E em duas porque sendo a exibição feita na rua, não se tem as capacidades técnicas necessárias para se fazer a montagem sequencial do filme inteiro, algo que pode ser feito no auditório onde o equipamento necessário esta montado.

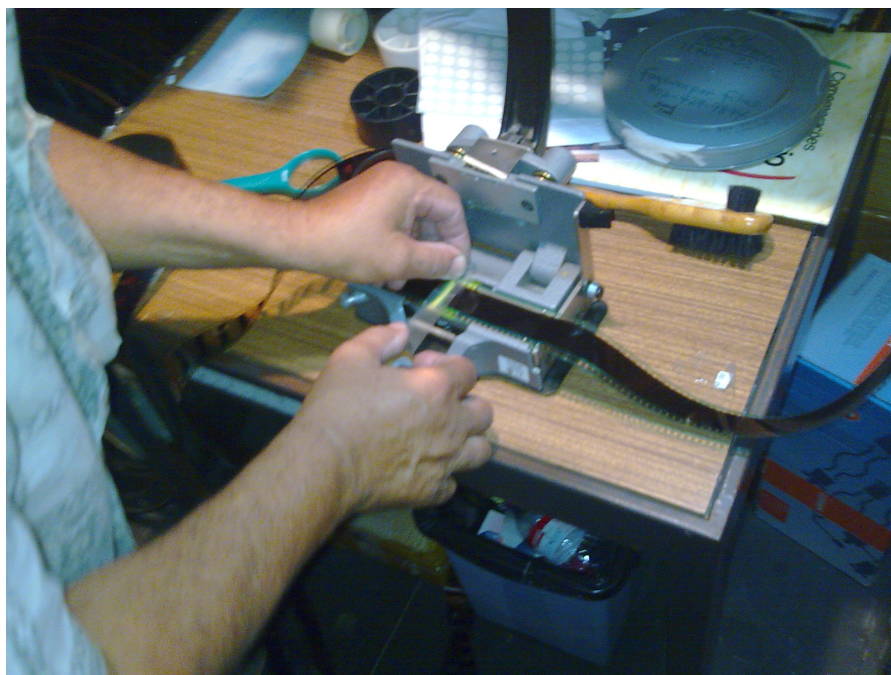


Fig. 12 Montagem do 35 mm.

Na segunda parte do workshop o Sr. António explicou-me como funcionava o projetor e os seus mecanismos desde a colocação das bobines, até às objectivas (lentes primárias de diferentes focos, cinemascope, etc), à sua montagem e colocação da película pelos vários carretos, e as suas qualidades técnicas como por exemplo o leitor de som da banda sonora colocada na película.



Fig. 13 Bobines 35mm para exibição.

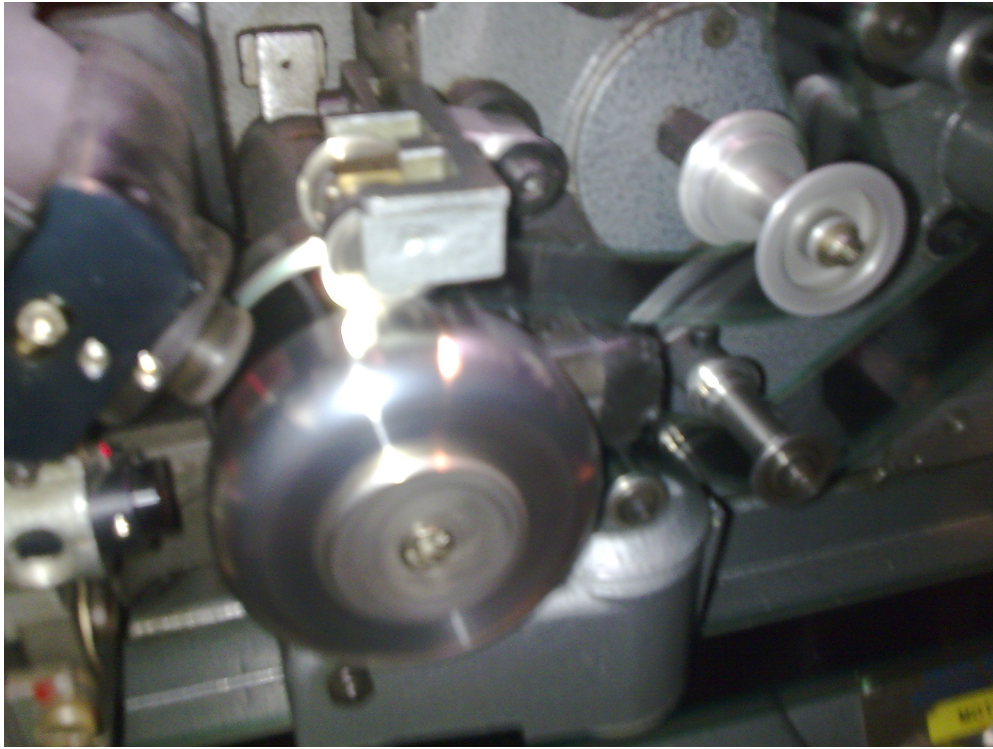


Fig. 14 Leitor sonoro de projetor de 35mm.



Fig. 15 Objectivas de projeção para 35mm.

E por último a desmontagem da película para a as suas bobines originais para ser enviada de volta para o distribuidor.



Fig. 16 Desmontagem para as bobines originais.

Capítulo 7 - FIKE 2014

No último período de estágio curricular na SOIR, o desafio que me foi proposto foi a produção da 12ª edição do FIKE que se realizará entre 21 de Outubro até 25 de Outubro. Primeiramente foi necessário dar resposta às inscrições dos filmes em competição oficial, gerindo essas mesmas inscrições e formalizando e informando os participantes da recepção da inscrição efectuada e das cópias enviadas. Para tal, através do backoffice do festival, foi preciso fazer um levantamento sequencial à recepção das cópias e o levantamento de incongruências nas inscrições desde a verificação do bom estado das cópias, problemas de inscrição e revisão da documentação necessária; um processo demorado pois foram inscritos mais de um milhar de filmes, e a revisão individual das curtas inscritas é um processo obrigatório ao bom funcionamento da pré seleção.

Identificando os filmes em competição que não obedeciam ao parâmetros impostos para competição, foi necessário proceder ao contacto pessoal com os responsáveis dos filmes, desde produtores, realizadores, escolas de cinema e agências produtoras e de distribuição, para com a maior eficácia e rapidez dar resposta a esta necessidade de forma a garantir a passagem à nova fase de trabalho, que seria o visionamento e pré-avaliação.

Este primeiro visionamento teve uma pequena equipa de voluntários associada para dar em tempo útil resposta ao visionamento deste elevado número de filmes, equipa esta pelo qual eu estava responsável. Foi necessário fazer uma reunião no início do projeto de forma a explicar aos participantes em que moldes e com que objectivos esta equipa funcionaria, desde a metodologia de trabalho, método de avaliação e outras questões pertinentes. Foi, por minha iniciativa, necessário manter um registo e levantamento das cópias levantadas pela equipa de forma a manter um controlo sobre quais filmes estavam com quem e desde quando e até quando para otimizar este processo e evitar perdas de cópias e inscrições.

Após a finalização do pré-visionamento, coube-me a mim a separação e revisão das curtas de acordo com as avaliações feitas por parte da equipa. Ação que consistiu em agregar filmes com uma classificação elevada num lote, noutro lote filmes com classificação mediana, e por último os filmes com classificações baixas. A intenção desta ação é a de facilitar posteriormente o visionamento da pré-seleção oficial para competição feita por mim e pelo diretor do festival, João Paulo Macedo.

De forma a fechar o programa em competição, em conjunto com João Paulo Macedo, fizemos o visionamento de todas as curtas que melhor classificação obtiveram pela equipa de aferição de qualidade. De forma a criar uma lista preliminar com os potenciais filmes para competição, algo que na sua seleção existem factores a ter em consideração, desde o numero

de ficções , de animações e documentários, mas também a origem dessas curtas de forma a manter uma seleção variada e representativa dos varios cantos do mundo. Algo que requereu uma revisão de praticamente todos os filmes recebidos de forma, por vezes, para diversificar essa seleção, por outras, para evitar que filmes de excelente qualidade fossem posto de parte, por uma pontuação baixa dada pela equipa de visionamento.

Concluída a seleção oficial em competição, e tendo em conta que o festival existe este ano paralelamente em Beja, com a parceria da associação Lendas d'Encantar, era importante planificar as sessões de forma manter uma coordenação entre a duas cidades.

Respectivamente as atividades paralelas que se realizam durante o período do festival, ficou ao meu encargo a seleção, organização, planificação e produção da mostra paralela "Cinema Escolas", que tem como finalidade a projeção de uma seleção de trabalhos vídeo realizados pelas variadas escolas de cinema e audiovisual de Portugal. Pelo que foi para além da criação deste interessante programa, uma oportunidade de cimentar relações já antes construídas com estas entidades e noutros casos, a oportunidade de criar um primeiro contacto, que esperançosamente se possa vir a manter. A recepção dos filmes propostos pelas escolas levou-me a escolher os que iriam pertencer a mostra e que pudessem ser exemplo do selo de qualidade das várias instituições e que pudesse completar o programa paralelo do FIKE.

Conclusão

O estágio na SOIR foi uma oportunidade enriquecedora, que me proporcionou o passaporte para o mundo do trabalho. A ligação entre a teoria e prática adquirida durante o percurso universitário e o contacto com o universo laboral foi um passo fundamental para o meu melhoramento enquanto pessoa.

Os desafios que me foram apresentados durante a realização do estágio foram recebidos com a enorme satisfação, pois serviram para alicerçar os conhecimentos adquiridos durante a minha formação académica. Ao desenvolver novas capacidades, tanto em termos sócio-laborais como ferramentas de ação e resolução de problemas, estou confiante que fiquei preparado e dotado de instrumentos que muito me irão ajudar em próximos desafios.

Posso concluir que este estágio foi uma excelente primeira experiência profissional. Algo que me enriqueceu bastante e me dotou de novas capacidades laborais que com toda a certeza me irão beneficiar no meu futuro profissional.

Após ter terminado esta vertente curricular, iniciei na SOIR um estágio profissional que servirá para dar continuidade às funções que desempenhei e com certeza irá continuar a desenvolver as minhas aptidões.

Bibliografia

DANCYGER Ken, *Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo, História, Teoria e Prática*, 4ª edição, edição Campus.

MARNER Terence, *A Realização Cinematográfica*, Edições 70, 2006

JOURNOT Marie-Thérèse, *Vocabulário de Cinema*, Edições 70, 2002

Tutoriais:

Youtube.com

- Final Cut Pro X
- Adobe Premiere Elements
- Submerge
- Subs Factory
- Corel Video Studio Pro

Anexos

Avaliação da SOIR

Numa fase inicial do período de estágio procurou-se a exploração do limite das capacidades e competências do estagiário tendo como objectivo a identificação de dificuldades e dos aspectos mais relevantes a reforçar.

Objectivamente procurou-se privilegiar atividades potenciadoras do “aprender - fazendo”, desenvolvimento de competências de trabalho em equipa, contributos para o desenvolvimento competências psicossociais. Em termos de desenvolvimento profissional e complementar à formação procurou-se o reforço de competências nas áreas técnicas e de produção de projeto - essenciais ao desenvolvimento de qualquer tipo de projetos na área produção cultural e audiovisual.

Fundamental no desenvolvimento de todo o projeto foram aspectos ligados à prestação do estagiário Pedro Orvalho, de onde se destacam a disponibilidade e empenho nas tarefas, as próprias competências pessoais e técnicas bem como o empenho no seu desempenho diário. A sua integração na equipa e interação com os restantes elementos foram aspectos muito positivos, relevados por diversas vezes como desempenho de grande qualidade e competência.

Ao longo do processo de acompanhamento de estágio seguiu-se uma estratégia discreta de orientação nos aspectos carentes de maior desenvolvimento e, simultaneamente, de grande autonomia na resposta e gestão dos problemas e dificuldades inerentes ao projeto de estágio desenvolvido. Os desafios colocados foram ousados em alguns momentos, tendo-se verificado que uma orientação ou sugestão teve sempre como resposta do estagiário uma reorientação da estratégia em função do objectivo pretendido.

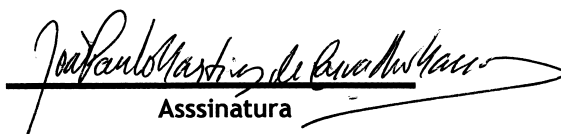
Outra componente fortemente desenvolvida foi a gestão do tempo em função de metas pré-estabelecidas - visando também o desenvolvimento de capacidades de gestão e decisão orientadas para respostas “*just in time*” sempre que surgiam imprevistos.

Ao fim deste período pode-se concluir da melhoria significativa de um conjunto de aspectos fundamentais a um bom desenvolvimento profissional e capacidades de trabalho em projeto.

De relevar a assertividade com que o estagiário enfrentou os desafios, a sua capacidade técnica, facilidade de relacionamento e versatilidade. Notório ao longo do processo de estágio foi o desenvolvimento de capacidades psicossociais, a facilidade de integração na equipa de projeto. Em termos das tarefas de produção um reforço efetivo das

capacidades já demonstradas, compreensão dos processos e superação das dificuldades sentidas.

Globalmente o contributo do estagiário para as diferentes equipas de projeto em que esteve envolvido foi muito positivo, sendo perceptível a disponibilidade para uma aprendizagem e evolução permanente na eficácia capacidade de resposta às solicitações.


Assinatura

Glossário

Clip - Termo dado a único ficheiro que não está inserido numa sequência.

Codec - Codificações de imagens e sons, podem ter ou não ter perdas de qualidade.

DSLR - Sistema mecânico de espelhos, e um pentaprisma que direciona a luz da lente para o visor óptico.

EOS - Sistema inventado pela Canon, para lentes controlada electronicamente.

H.264 - Padrão de compressão vídeo.

HD - Termo utilizado para referir a vídeos de alta definição.

ISO- Referência a sensibilidade da câmara à luz.

Layout - Tem como componente a área de design, formato das páginas e as margens.

MOV - Formato vídeo inventado pela Apple, que pode também conter áudio. Reconhecido por todos os programas.

SLR - Sistema de espelhos de movimentos semi-automáticas, que permite ver o que vai ser capturado pela câmara.

Hardcode - Legendas embutidas no ficheiro video.

Enconding - Processo de codificação.

Dcp - É uma coleção de arquivos digitais usados para armazenar e transmitir fluxos de informação áudio, video e dados.

Full-frame - Sensor de imagem que é do mesmo tamanho do que o 35 mm (36 × 24 mm).

Full HD - É uma expressão utilizada para designar as características do aparelho de vídeo que tem 1920 pixéis de resolução horizontal por 1080 linhas de resolução vertical, que permite uma melhor definição da imagem.